

2ª Parte

# A perspectiva dos cidadãos

## Resultados do inquérito à população residente

Como atrás se teve já a oportunidade de referir, com a realização de uma primeira sondagem à população no início do corrente ano, pretendeu-se confrontar o diagnóstico de natureza mais objectiva, baseado na análise da bateria dos indicadores quantitativos, com a percepção – necessariamente mais subjectiva – da qualidade de vida expressa pelos cidadãos. Em resultado desta abordagem «mista», pela qual se optou no âmbito deste projecto, é possível obter um quadro global mais completo sobre a situação da cidade e, deste modo, dispor de um leque mais diversificado de elementos para suporte do trabalho técnico e da decisão política.

## Nota metodológica

Nesta fase do projecto SMQVU, optou-se por dirigir este primeiro inquérito exclusivamente aos cidadãos residentes no concelho do Porto, limitando-se a população alvo aos indivíduos com mais de 15 anos. A recolha das respostas ao questionário teve lugar entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2003, no próprio alojamento dos inquiridos.

O inquérito foi aplicado a 2400 indivíduos, repartidos de igual modo por quatro zonas da cidade estabelecidas, para efeitos de análise intra-urbana, com base em critérios de homogeneidade relativa, através do agrupamento de freguesias. As zonas consideradas, idênticas às que foram utilizadas no âmbito da avaliação quantitativa da qualidade de vida no Porto e já apresentadas na primeira parte deste relatório, são as seguintes:

- Zona Histórica**, constituída pelas freguesias de Miragaia, S. Nicolau, Sé e Vitória;
- Zona Tradicional**, que engloba o Bonfim, Cedofeita, Massarelos e Sto. Ildefonso;
- Zona Ocidental**, a qual reúne Aldoar, Foz do Douro, Lordelo do Ouro e Nevogilde;
- Zona Oriental**, abrangendo Campanhã, Paranhos e Ramalde.

A margem de erro associada à amostra considerada é de 2% para o conjunto da cidade e de 4% para cada uma das zonas, para um nível de confiança de 95%.

O questionário adoptado, composto maioritariamente por questões fechadas, foi estruturado em torno de quatro pontos principais:

**Qualidade de vida: conceito global.** As questões colocadas neste ponto visaram a identificação dos aspectos que os cidadãos consideram fundamentais para que uma cidade apresente uma boa qualidade de vida.

**Qualidade de vida: avaliação da situação na cidade do Porto**, quer no presente, quer em termos de evolução recente. Neste caso procurou-se captar não só a percepção global, mas também a opinião relativa a um conjunto de domínios da qualidade de vida previamente definidos.

**Qualidade de vida pessoal.** Tratou-se, neste caso, de obter elementos quanto ao nível de satisfação que os indivíduos manifestam com a sua própria qualidade de vida, bem como quanto aos aspectos eleitos como os mais importantes para a sua vida pessoal.

**Qualidade de vida na área de residência.** As perguntas formuladas neste ponto, apesar de também estarem relacionadas com a avaliação da qualidade de vida na cidade, remetiam para uma apreciação centrada exclusivamente no local onde habitavam os inquiridos.

## Síntese dos resultados obtidos

A análise que de seguida se apresenta, baseada nos resultados obtidos através do inquérito aos habitantes do Porto, destacará apenas as grandes tendências e as principais conclusões extraídas na sequência de um primeiro tratamento dos dados.

Naturalmente que o conjunto de informação reunido é muito vasto e justifica uma exploração mais rica dos elementos de que se dispõe nesta altura sobre a percepção da qualidade de vida urbana, pelo que se encontra desde já prevista a divulgação de um segundo relatório deste projecto onde haverá o espaço necessário para o aprofundamento desta análise.

## Qualidade de vida: conceito global

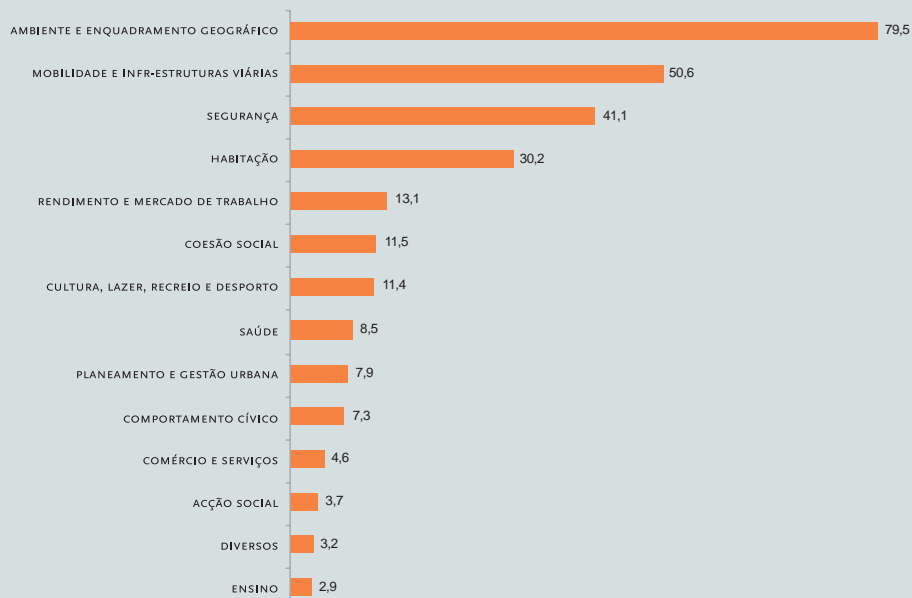
No questionário aplicado, as perguntas iniciais foram definidas com o objectivo de recolher elementos sobre o significado que os indivíduos atribuem à expressão «Qualidade de Vida», em particular, sobre os aspectos que estes consideram ser mais influentes e decisivos para o bem-estar num centro urbano. Procurou-se, por isso, que o exercício se fizesse sem a referência directa ao contexto da cidade do Porto.

O facto de se reconhecer uma enorme abrangência a este conceito, e da evidência empírica revelar que a percepção dos indivíduos sobre esta questão varia significativamente – nomeadamente, em termos de faixa etária e nível de habilitações – torna, porventura, mais expressiva a forte convergência de opiniões manifestadas em torno de alguns domínios.

Assim, e perante uma pergunta em formato aberto, em que se pedia aos entrevistados que indicassem os três aspectos mais relevantes para que uma cidade tenha uma boa qualidade de vida, uma larga maioria – cerca de 80% – invocou aspectos relacionados com o *ambiente e o enquadramento geográfico* (Fig. 1).

Por detrás desta forte associação do conceito de Qualidade de Vida a factores de natureza ambiental está sobretudo uma valorização dos seguintes aspectos: disponibilidade de *espaços verdes*, *limpeza urbana*, *ausência de poluição*, *infra-estruturas básicas*, e ainda, embora com um peso significativamente menor, o *clima* e a *localização geográfica* (em particular, a disponibilidade de recursos naturais decorrentes da localização litoral).

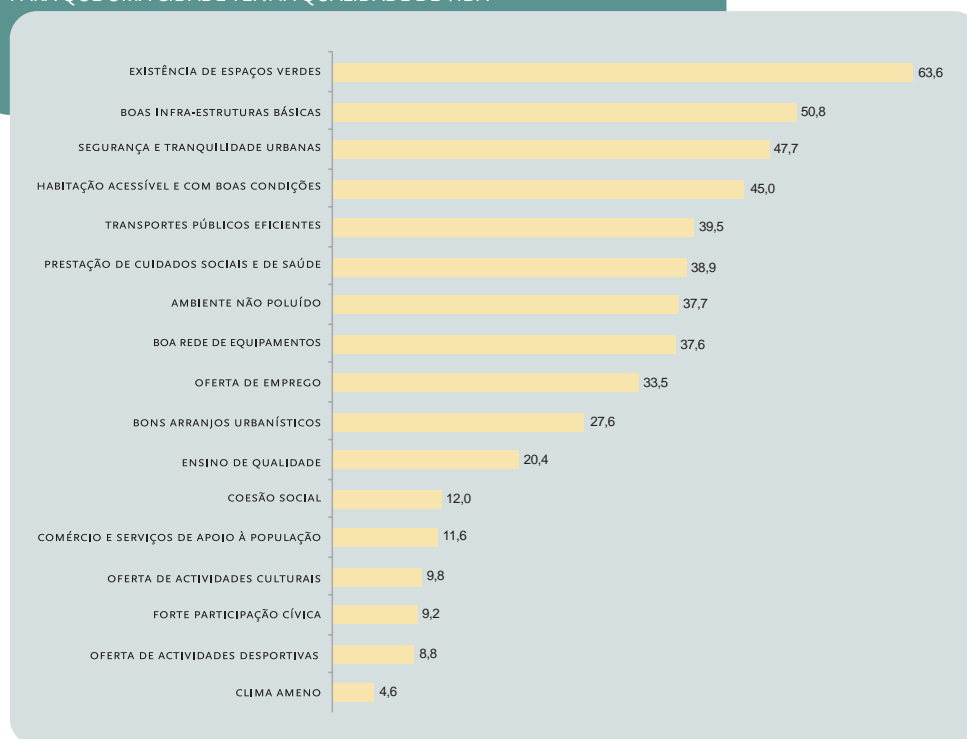
FIG. 1: DOMÍNIOS IDENTIFICADOS COMO SENDO OS MAIS IMPORTANTES PARA A QUALIDADE DE VIDA NUMA CIDADE



Ainda no que diz respeito à identificação dos aspectos com maior importância para a Qualidade de Vida urbana, cabem destacar os domínios da *mobilidade e infra-estruturas viárias* – mencionado por cerca de metade dos inquiridos – da *segurança pública* e da *habitação*.

Complementarmente, numa segunda questão, pedia-se ao entrevistado que elegesse os cinco aspectos mais importantes para a Qualidade de Vida numa cidade mas, desta feita, a partir de uma lista de 17 opções previamente definidas, tendo-se obtido os seguintes resultados (Fig. 2):

FIG. 2: ASPECTOS SELECIONADOS COMO OS MAIS IMPORTANTES PARA QUE UMA CIDADE TENHA QUALIDADE DE VIDA



Ou seja, perante um leque alargado de domínios relacionados com o conceito de qualidade de vida, os inquiridos mantêm, em linhas gerais as opiniões que haviam expressado na questão anterior, isto é, a valorização dos aspectos ambientais, da segurança, da habitação e da mobilidade, ainda que, neste caso, surjam igualmente em posição destacada outros domínios, como por exemplo, o da *prestação de cuidados sociais e de saúde*, que ultrapassou mesmo a relevância atribuída ao *ambiente não poluído*.

### Qualidade de vida: avaliação da situação na cidade do Porto

Depois destas duas questões relativas a um centro urbano não especificado pedia-se, nas questões seguintes, opiniões especificamente sobre o Porto, para tentar perceber como é que a cidade se apresenta aos olhos dos seus próprios residentes.

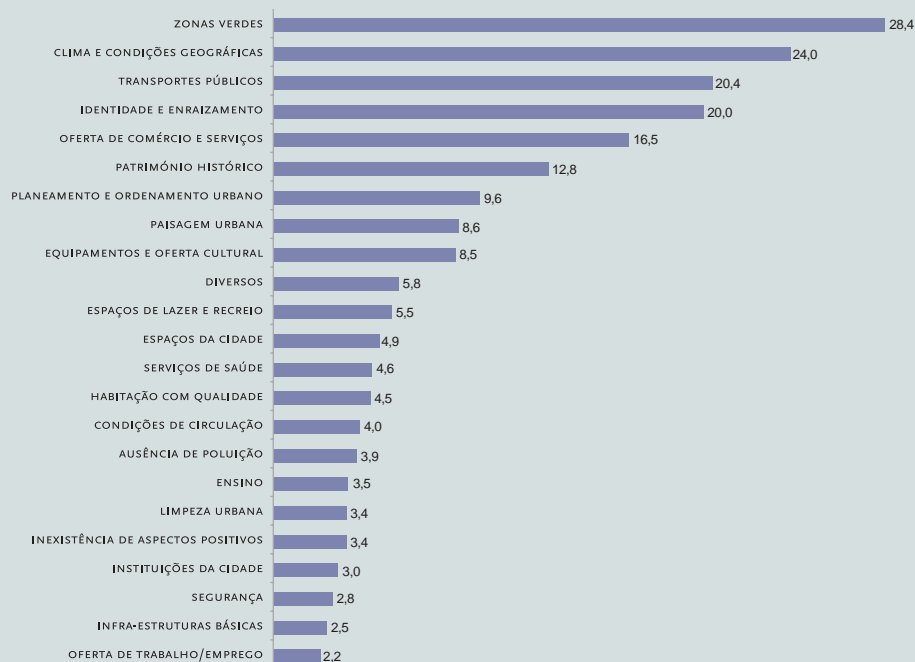
Começou por ser solicitado aos entrevistados que, sem o apoio de qualquer lista previamente concebida, mencionassem os três principais aspectos mais positivos e os mais negativos que caracterizam a Qualidade de Vida no Porto, na perspectiva deste ser um local para residir e/ou trabalhar.

Começando por considerar os aspectos identificados como positivos (Fig. 3), os resultados não deixam de ser surpreendentes.

Os *espaços verdes* – o parque da cidade mas sobretudo os grandes e pequenos jardins dispersos um pouco por todo o centro urbano – constituem a referência com maior peso. Esta opinião recolhida para o conjunto da cidade, é manifestada pelos habitantes da Zona Ocidental, mas também, pelos da Zona Oriental, que invocam este como sendo o primeiro aspecto favorável. (Quadro 1).

O segundo dos aspectos destacados é o *clima e condições geográficas* da cidade. Fica assim patente que, não obstante a frequente conotação negativa dada aos estados de tempo mais característicos no Porto (chuva frequente, temperaturas não muito elevadas) e ao enquadramento geográfico da cidade (cidade territorialmente

FIG. 3: ASPECTOS MAIS POSITIVOS EM TERMOS DE QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE DO PORTO



muito confinada, periférica no contexto europeu, sem dimensão competitiva), a percepção dos cidadãos relativamente a estes factores capta outras vertentes e resulta globalmente positiva. Das respostas dadas constata-se que são sobretudo valorizadas realidades como a escala da cidade («nem muito grande nem muito pequena»), o enquadramento geográfico (o mar e o rio, mas também a inserção no Norte de Portugal, a proximidade ao espaço rural), isto sem que seja evidente um contraste de opiniões entre os habitantes das diferentes zonas da cidade.

QUADRO 1: ORDENAÇÃO, POR ZONA, DOS PRINCIPAIS ASPECTOS POSITIVOS DA QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE DO PORTO

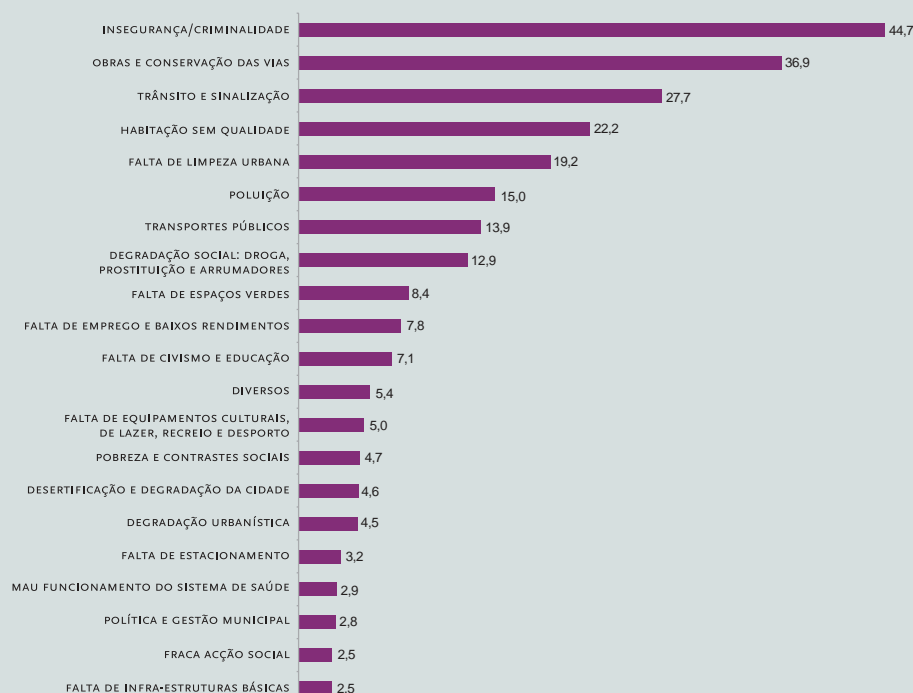
	PORTO	CENTRO HISTÓRICO	CENTRO TRADICIONAL	ZONA ORIENTAL	ZONA OCIDENTAL
Zonas verdes	1°	5°	5°	1°	1°
Clima e condições geográficas	2°	3°	1°	4°	2°
Transportes públicos	3°	2°	4°	2°	3°
Identidade e enraizamento	4°	1°	2°	6°	6°
Oferta de comércio e serviços	5°	10°	3°	3°	4°

No caso dos *transportes públicos*, terceiro factor positivo invocado, os resultados obtidos contrariam aquela que é a imagem que habitualmente se tem de um tipo de serviços cujo funcionamento fica aquém das expectativas dos cidadãos. Para esses resultados terá, muito provavelmente, contribuído a recente entrada em funcionamento do Metro (o inquérito foi realizado durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2003) e ao qual terá sido sensível a generalidade dos cidadãos residentes.

Com diferenças mais significativas entre as várias zonas da cidade, mas recolhendo igualmente uma elevada proporção de respostas, são ainda referidos a forte *identidade* urbana e o sentimento de *enraizamento* registado entre os portuenses (primeiro factor positivo mencionado pelos habitantes da Zona Histórica) e, ainda, a *oferta de comércio e serviços* (neste caso, mais valorizado pelos residentes do Centro Tradicional, mas também, pelos da Zona Oriental).

Inversamente, perante a pergunta colocada em formato aberto, quais os três principais aspectos negativos que prejudicam a Qualidade de Vida no Porto, os inquiridos revelaram estar insatisfeitos, sobretudo, com a *insegurança urbana* e a *criminalidade*, referidas por praticamente um em cada dois inquiridos (Fig. 4). Este foi, de resto, o aspecto mais invocado em todas as zonas da cidade (Quadro 2).

FIG. 4: ASPECTOS MAIS NEGATIVOS EM TERMOS DE QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE DO PORTO



QUADRO 2: ORDENAÇÃO, POR ZONA, DOS PRINCIPAIS ASPECTOS NEGATIVOS DA QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE DO PORTO

	PORTO	CENTRO HISTÓRICO	CENTRO TRADICIONAL	ZONA ORIENTAL	ZONA OCIDENTAL
Insegurança/criminalidade	1º	1º	1º	1º	1º
Obras e conservação das vias	2º	3º	3º	2º	2º
Trânsito e sinalização	3º	6º	2º	3º	3º
Habitação sem qualidade	4º	2º	4º	7º	6º
Falta de limpeza urbana	5º	4º	5º	5º	4º

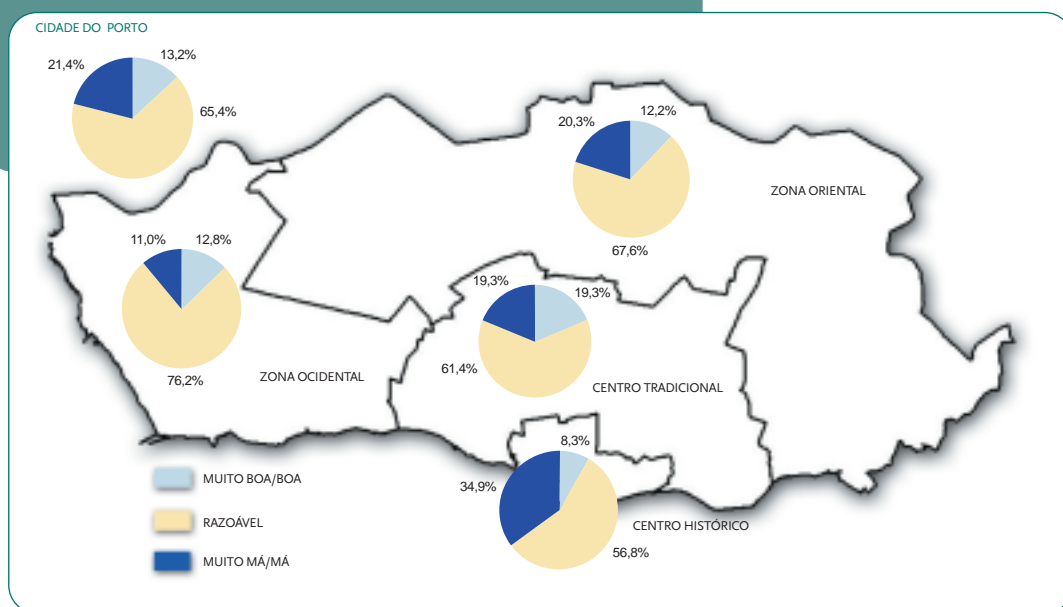
Entre os restantes aspectos que marcam negativamente o quadro de vida urbano destaca-se, ainda, a preocupação com a *mobilidade* na cidade, mais concretamente, com a multiplicação das frentes de obra na via pública e com o seu prolongamento no tempo, com o mau estado de conservação das vias, mas também com os congestionamentos de tráfego e com a deficiente sinalização.

Completam os cinco aspectos considerados mais desfavoráveis, a *habitação sem qualidade* – principalmente destacado pelos residentes na Zona Histórica – e a falta de *limpeza urbana*, que registou uma quota de respostas muito aproximada, nas diferentes áreas da cidade.

A questão seguinte referia-se à percepção global da qualidade de vida na cidade do Porto expressa pelos seus residentes. Era pedida uma apreciação com base numa escala qualitativa com 5 classes (muito má, má, razoável, boa e muito boa). Uma larga maioria dos inquiridos, 65%, classifica-a como «razoável» (ver Fig. 5). Os que se situam fora desta classificação mediana tendem a caracterizar a situação mais negativamente (21%) do que positivamente (13%). Nas classes mais extremas, é interessante notar que só 0,25% dos inquiridos classificam a situação como «muito boa», ou seja 1 em cada 400 inquiridos, enquanto que, nesse mesmo número de inquiridos, 18 indivíduos a consideram como «muito má».

A mesma questão, qualidade de vida na cidade globalmente considerada, mas ventilada pela zona de residência dos inquiridos, indicia algumas diferenças significativas: a situação é considerada como «má/muito má» por quase 35% dos que residem na Zona Histórica, mas só por 11% dos da Zona Ocidental. Em contrapartida, pouco mais de 8% dos que residem na Zona Histórica classificam a qualidade da vida na cidade como «boa/muito boa», subindo este valor para cerca de 12% nas Zonas Ocidental e Oriental e para 19% na Zona Tradicional. Curiosamente é nesta última zona, que a repartição é mais equilibrada com a mesma percentagem de inquiridos a atribuir a classificação de «má/muito má».

FIG. 5: AVALIAÇÃO GLOBAL DA QUALIDADE DE VIDA NO PORTO



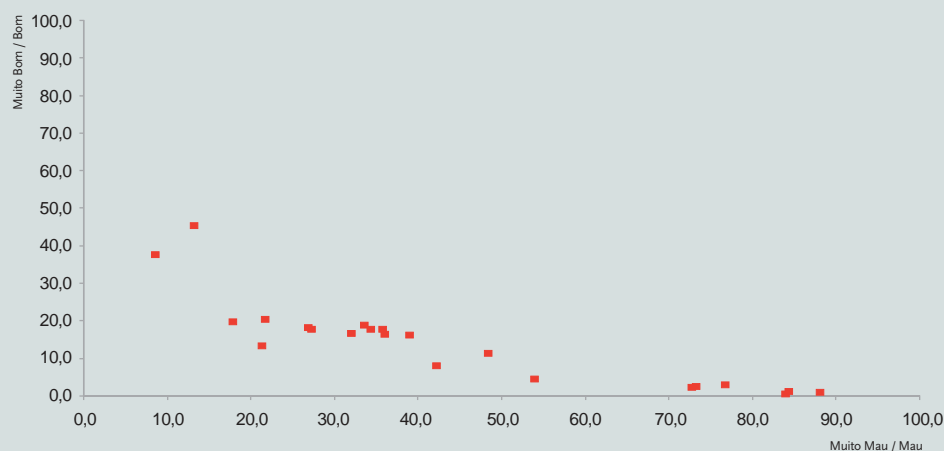
Quando foi proposto o mesmo exercício de avaliação mas considerando 21 áreas temáticas pré-definidas (ver Quadro 3) constata-se que a apreciação feita é bastante mais crítica do que a realizada anteriormente. Enquanto que, como vimos, 65% dos inquiridos considerava a situação global como «razoável», agora, em todas as áreas consideradas essa percentagem é claramente inferior (com um valor médio de 36% e atingindo um máximo de 52%). A situação global era considerada «muito má» por 4,6% dos inquiridos, variando agora essa percentagem entre os 2,5% e os 40%, com um valor médio de 14%.

A Figura 6 apresenta as percentagens das respostas que consideram a situação como «má/muito má» em oposição às que a consideram como «boa/muito boa» para as 21 áreas atrás referidas. Como se pode constatar, a apreciação feita é claramente negativa; quase todos os pontos representados estão próximos do eixo correspondente às apreciações «má/muito má», sendo que nas apreciações «boa/muito boa» raramente se ultrapassa os 20%.

## QUADRO 3: ÁREAS TEMÁTICAS PARA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA

1. Ambiente
  - 1.1. Espaços verdes
  - 1.2. Limpeza urbana
  - 1.3. Poluição (do ar, da água, ruído)
2. Urbanismo
  - 2.1. Densidade de ocupação
  - 2.2. Qualidade arquitectónica e urbanística
3. Mobilidade
  - 3.1. Trânsito
  - 3.2. Transportes públicos
4. Cultura
  - 4.1. Equipamentos Culturais
  - 4.2. Animação cultural da cidade
5. Desporto e Tempos Livres
  - 5.1. Espaços recreativos e de lazer
  - 5.2. Locais para a prática desportiva
6. Educação
  - 6.1. Equipamentos educativos – jardins de infância, escolas
  - 6.2. Estabelecimentos de ensino superior
7. Saúde
  - 7.1. Hospitais (públicos e privados), centros de saúde, unidades de enfermagem
8. Serviços de Acção Social
  - 8.1. Creches, lares, centros de convívio, centros de dia, apoio domiciliário
9. Comércio e serviços
  - 9.1. Comércio e serviços para a população
10. Habitação
  - 10.1. Compra e arrendamento de habitação
  - 10.2. Qualidade e estado de conservação da habitação
11. Segurança Urbana
  - 11.1. Criminalidade, insegurança urbana
12. Pobreza e Exclusão
  - 12.1. Pobreza e Exclusão
13. Comportamento social e cívico
  - 13.1. Comportamento social e cívico

FIG. 6: APRECIACÃO DA SITUAÇÃO ACTUAL DA CIDADE PARA AS 21 ÁREAS TEMÁTICAS (EM %)





Há dois grupos que se destacam claramente. Um primeiro constituído por 6 áreas em que a situação é claramente negativa, com percentagens de respostas «má/muito má» entre os 70 e os 90%:

ÁREA	%
Trânsito	88,1
Criminalidade, insegurança urbana	84,5
Pobreza e exclusão	84,1
Compra e arrendamento de habitação	76,8
Qualidade e estado de conservação da habitação	73,4
Poluição (do ar, da água, ruído)	72,8

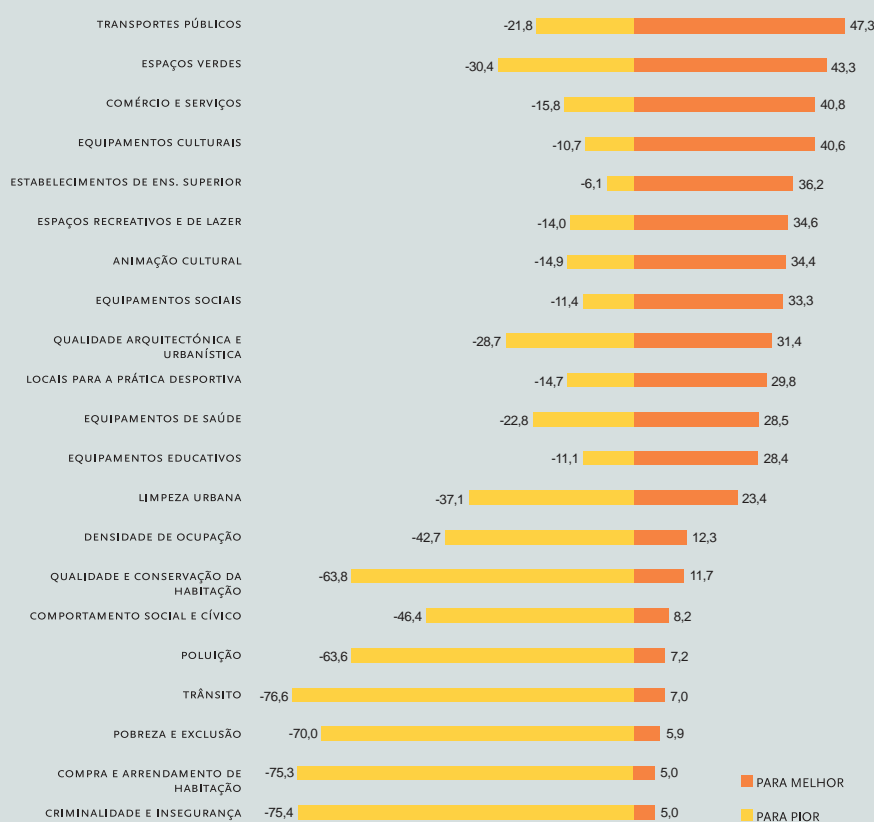
Um segundo grupo, só com duas áreas, em que a situação é julgada positivamente, embora as percentagens obtidas não cheguem sequer a 50%:

ÁREA	%
Comércio e serviços para a população	45,2
Estabelecimentos de ensino superior	37,5



A Fig. 7 resume, relativamente a estas 21 áreas, o modo como foi analisada a evolução verificada nos últimos 2 anos:

FIG. 7: ASPECTOS DA QUALIDADE DE VIDA QUE EVOLUÍRAM FAVORÁVEL E DESFAVORAVELMENTE NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS



Também em termos de evolução, os resultados apurados indiciam uma situação negativa em muitas das áreas analisadas. Em particular, nas 6 áreas a seguir identificados no quadro, a percentagem de inquiridos que considera que se evoluiu desfavoravelmente nos últimos dois anos ultrapassa os 60%, sendo que os que respondem que a trajectória foi favorável se limitam aos 5 a 7%, com excepção da *qualidade e conservação da habitação*, com quase 12%. Atente-se, em particular, aos valores extremamente elevados obtidos em áreas como o *trânsito*, a *criminalidade e insegurança* e a *compra e arrendamento da habitação*, áreas em que 3 em cada 4 inquiridos avalia negativamente a evolução recente verificada.

ÁREA	%
Trânsito	76,6
Criminalidade e insegurança	75,4
Compra e arrendamento de habitação	75,3
Pobreza e exclusão	70,0
Qualidade e conservação da habitação	63,8
Poluição	63,6

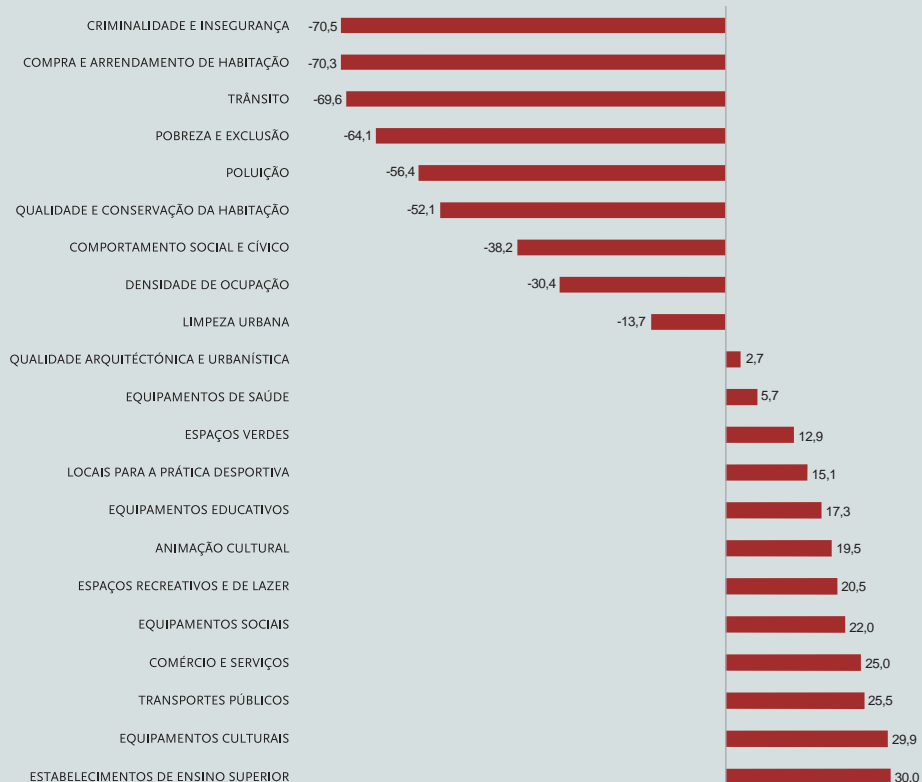
Em termos de avaliação positiva, só em quatro áreas as percentagens de resposta obtidas ultrapassam os 40%.

ÁREA	%
Transportes públicos	47,3
Espaços verdes	43,3
Comércio e serviços	40,8
Equipamentos culturais	40,6

Além do pequeno número de áreas em que isto acontece e das não muito elevadas percentagens obtidas, acresce que o número de respostas em que a avaliação feita é de sentido contrário é também bastante elevada, nomeadamente, nos dois primeiros casos. Assim, aos 47,3% dos inquiridos que consideram que os *transportes públicos* evoluíram favoravelmente opõem-se 21,8% dos que consideram que a evolução foi desfavorável. No caso dos espaços verdes, não obstante os 43,3% de respostas favoráveis há também 30,4% de respostas desfavoráveis.

Para uma análise mais completa das respostas relativas à evolução verificada nos últimos anos, podemos visualizar na Fig. 8 o saldo entre respostas favoráveis e desfavoráveis relativamente às 21 áreas em análise:

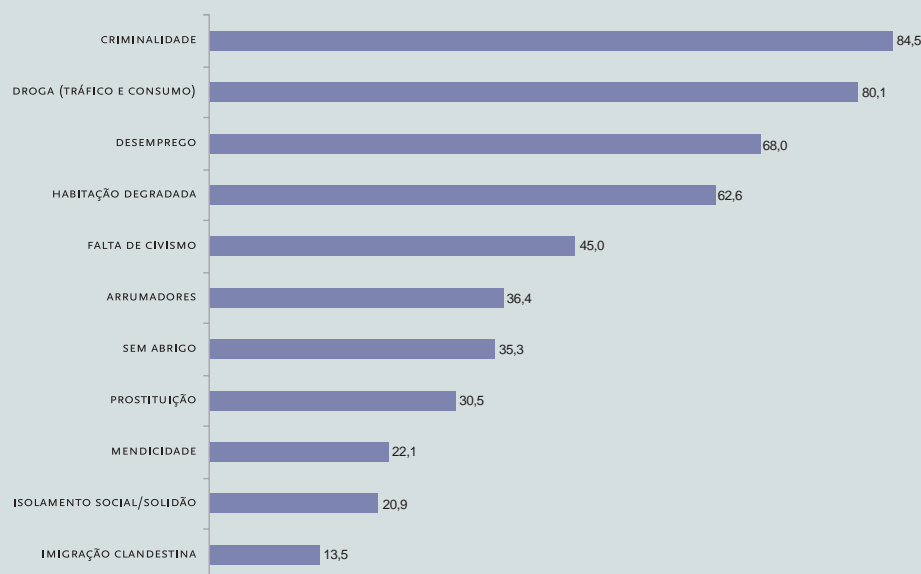
FIG. 8: EVOLUÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE – DIFERENÇAS ENTRE AS APRECIÇÕES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS



As 6 áreas cuja evolução recente foi apreciada mais negativamente continuam no topo da escala, com valores bastante elevados, enquanto que nas 4 áreas com apreciação mais favorável constatamos uma ainda menor representatividade desses valores, nomeadamente nos *espaços verdes* em que o saldo final entre opiniões positivas e negativas se fica pelos 13%.

Após a apreciação global da cidade em termos de situação e de evolução recente relativamente às 21 áreas temáticas consideradas, era pedido aos inquiridos que identificassem, de uma lista de problemas sociais indicados, os 5 que mais negativamente contribuíam para a qualidade de vida na cidade do Porto. Dos resultados obtidos, ressaltam claramente os problemas da criminalidade e da droga, aspectos referidos por cerca de 4 em cada 5 dos inquiridos (Fig. 9).

FIG. 9: PROBLEMAS SOCIAIS QUE MAIS NEGATIVAMENTE CONTRIBUEM PARA A QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE



A identificação dos problemas sociais é bastante homogênea quando consideramos as respostas ventiladas pelas 4 zonas de residência, com excepção do problema da *habitação degradada* que é identificada como o 1º problema pelos habitantes da Zona Histórica, ocupando apenas o 4º lugar quando considerada a totalidade dos inquiridos (Quadro 4).

QUADRO 4: ORDENAÇÃO, POR ZONA, DOS PROBLEMAS SOCIAIS QUE MAIS NEGATIVAMENTE AFECTAM A QUALIDADE DE VIDA NA CIDADE

	PORTO	CENTRO HISTÓRICO	CENTRO TRADICIONAL	ZONA ORIENTAL	ZONA OCIDENTAL
Criminalidade	1º	2º	1º	1º	1º
Droga (tráfico e consumo)	2º	3º	2º	2º	2º
Desemprego	3º	4º	4º	3º	3º
Habitação degradada	4º	1º	3º	4º	5º
Falta de civismo	5º	6º	5º	5º	6º

## Qualidade de vida pessoal

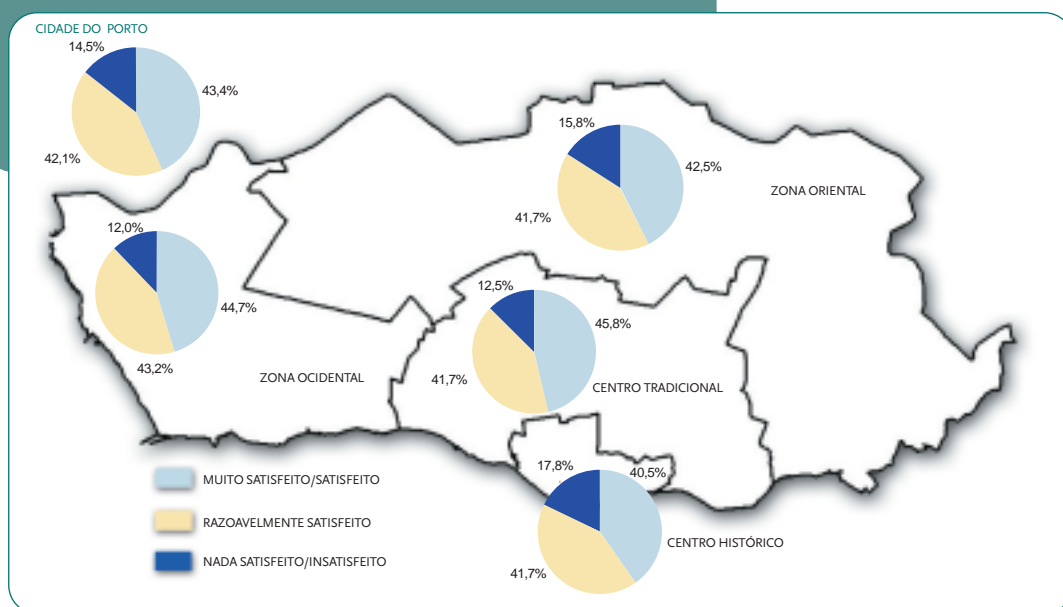
Depois deste conjunto de questões que, como se referiu, pretendia registar a percepção global dos residentes sobre a qualidade de vida na cidade, foram colocadas algumas questões que remetiam para o nível de satisfação que os indivíduos manifestavam com a sua própria qualidade de vida.

A primeira destas questões era relativa à satisfação sentida, em termos pessoais, com a qualidade de vida na cidade. Cerca de 43% dos inquiridos declara-se *satisfeito* ou *muito satisfeito* com a sua qualidade de vida, a que acresce uma percentagem quase igual de indivíduos *razoavelmente satisfeitos* (Fig. 10). Não chegam, assim, a 15% os restantes que avaliam a sua situação individual como *nada satisfatória* ou *insatisfatória*.

Esta apreciação da qualidade de vida em termos pessoais é generalizada a todos os residentes na cidade, não se verificando diferenças significativas nas respostas obtidas nas quatro zonas de residência consideradas.

De notar, que a avaliação agora feita é muito diferente da que tinha sido efectuada anteriormente sobre a situação global na cidade (ver Fig. 5). Sendo a situação global na cidade negativamente apreciada, em termos pessoais, a apreciação feita é substancialmente mais optimista.

FIG. 10: AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA PESSOAL NO PORTO



Nos dois últimos anos não foi percepcionada uma alteração significativa da qualidade de vida pessoal por metade dos inquiridos, sendo que, para os restantes, as opiniões dividem-se de forma aproximadamente idêntica entre os que consideram que a situação melhorou e os que consideram que piorou (Fig. 11).

Por último, em termos de qualidade de vida pessoal dos inquiridos, perguntava-se o grau de importância que os indivíduos atribuíam a diversos aspectos da sua vida pessoal (com base numa escala de pouco importante, relativamente importante, importante e muito importante).

Das respostas obtidas destaca-se a importância decisiva atribuída à *saúde* que a quase totalidade dos inquiridos declarou como «muito importante» e tendo os restantes indicado como «importante» (Fig. 12). Também a *vida familiar* recolheu um número muito significativo de respostas que a indicam como «muito importante», seguida da *casa*, do *trabalho* e da *situação financeira*.

Em contrapartida, os aspectos para os quais as respostas «pouco importante» e «relativamente importante» são mais significativas (embora minoritárias) são a *vida espiritual*, a *vida cultural* e a *vizinhança*.

FIG. 11: EVOLUÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA PESSOAL NOS 2 ÚLTIMOS ANOS

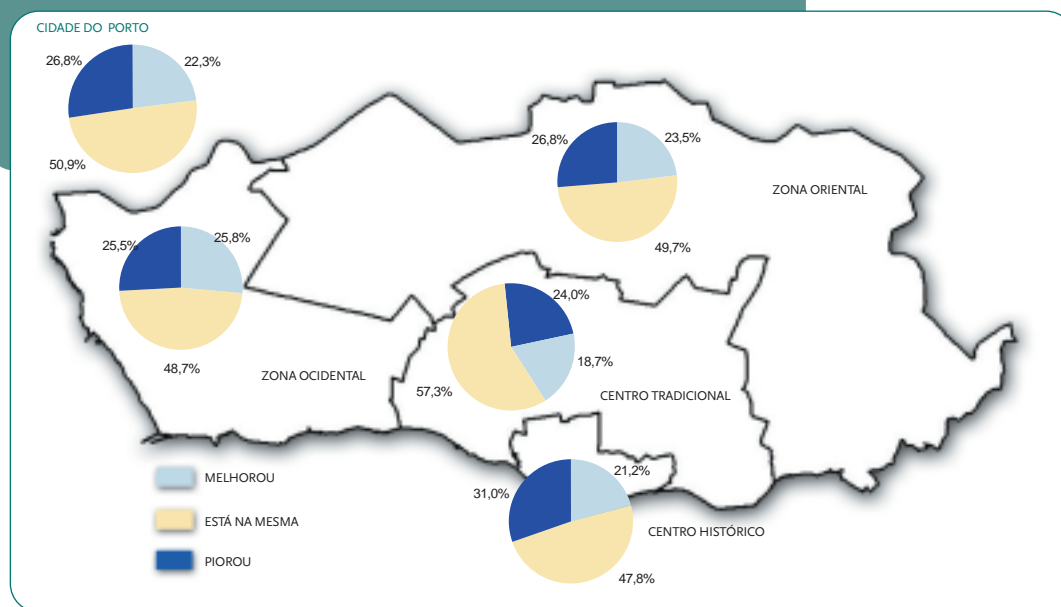
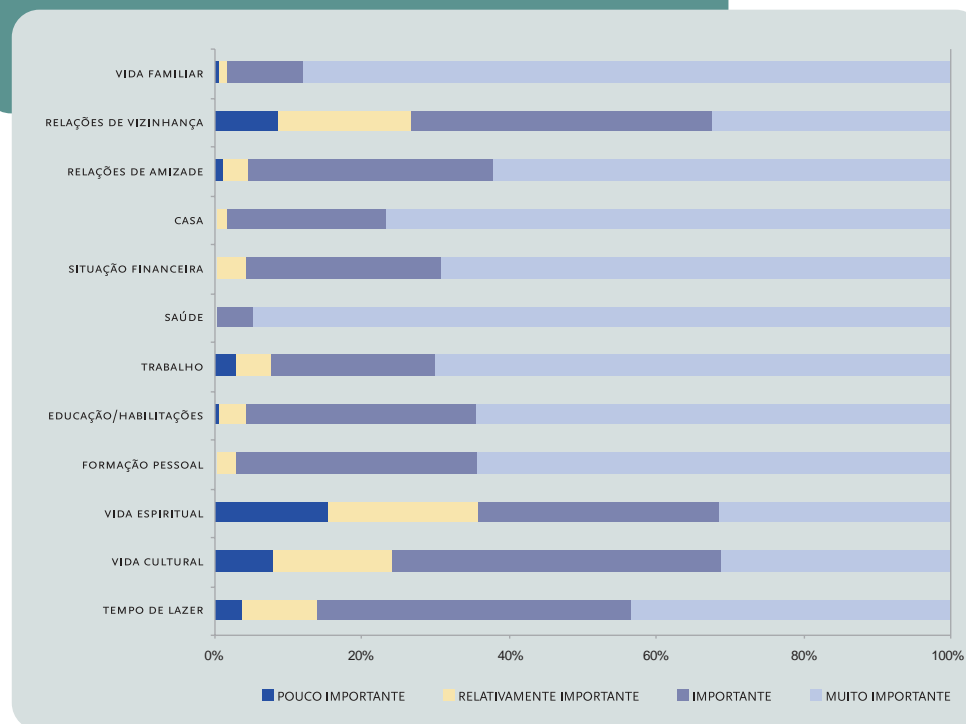


FIG. 12: GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO A CADA UM DOS SEGUINTE ASPECTOS NA VIDA PESSOAL



## Qualidade de vida na área de residência

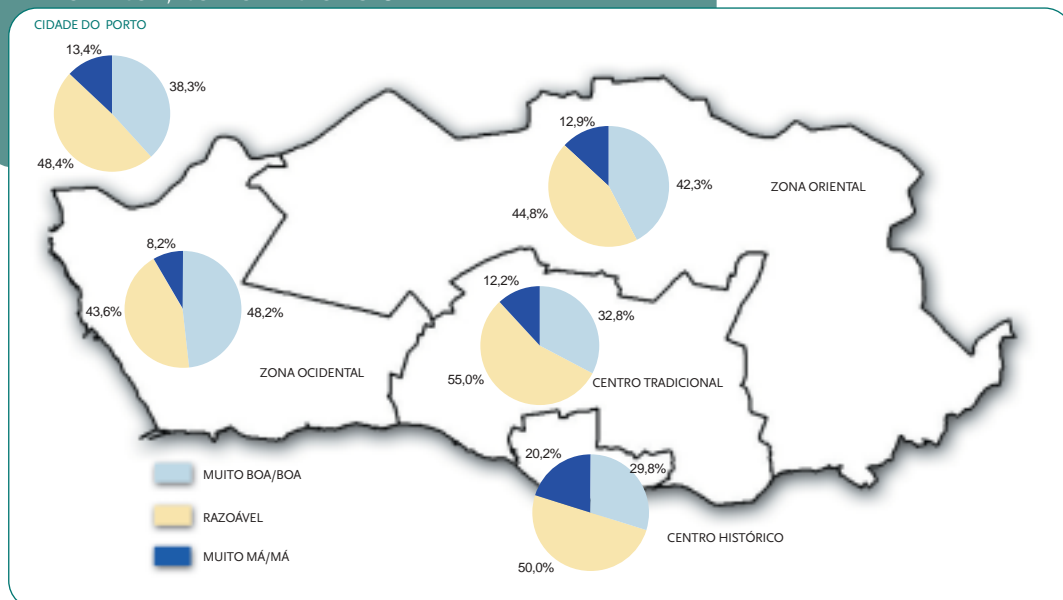
Um último conjunto de questões pretendia aferir da percepção sobre a qualidade de vida mas agora referenciada ao local de residência dos inquiridos.

A apreciação feita neste caso é bastante mais optimista do que a que tinha sido obtida anteriormente quando se inquiriam os indivíduos sobre a situação global na cidade e não no local específico em que residem

(ver Fig. 5). Enquanto que 21% dos inquiridos considerava a situação global existente no Porto como «má/muito má», agora só 13% dos indivíduos o fazem (Fig. 13). E, mesmo no Centro Histórico em que se verificam mais respostas nestes escalões, só se atinge os 20%.

A situação era considerada globalmente como «boa/muito boa» só por 13% dos inquiridos, enquanto que agora há 38% de inquiridos que a consideram dessa forma no seu local de residência. Mesmo no Centro Histórico 30% dos inquiridos indicam a situação como «boa/muito boa», percentagem sensivelmente idêntica à obtida no Centro Tradicional, e que sobe para os 42 e 48% nas Zonas Oriental e Ocidental, respectivamente.

FIG. 13: AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA NA ZONA DE RESIDÊNCIA, NO MOMENTO ACTUAL



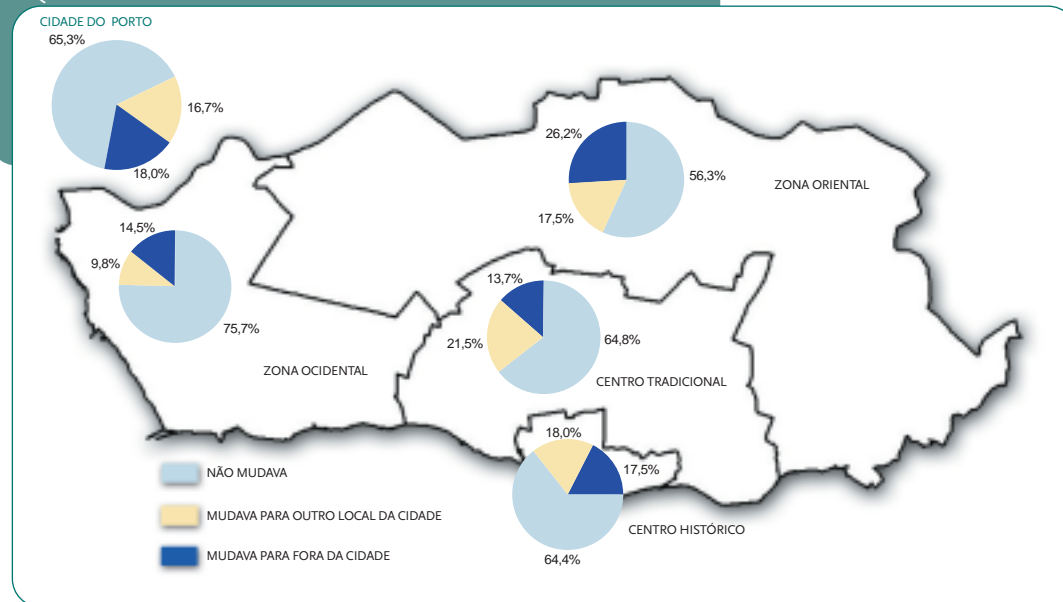
Numa última questão perguntava-se aos inquiridos se, tendo condições (financeiras, familiares, ...) mudaria o seu local de residência para melhorar a sua qualidade de vida. Só 35% das respostas foram afirmativas, sendo que em metade desses casos a mudança seria para outro local na cidade do Porto, colocando os restantes a possibilidade de mudança para fora da cidade (Fig. 14). Curiosamente, a percentagem mais baixa das respostas que indicavam que não mudariam o local de residência foi obtida na Zona Oriental (56%), com o Centro Histórico e Centro Tradicional a apresentarem valores na ordem dos 64%. Na Zona Ocidental, 3 em 4 dos inquiridos não colocava a hipótese de mudança de local de residência.

Para aqueles que indicavam que estavam dispostos a mudar para outro local na cidade do Porto para melhorar a qualidade de vida indica-se, no Quadro 5, os locais escolhidos. O destaque vai para a Foz/Nevo-gilde, zona indicada por 1 em cada 4 casos; é também interessante notar o número significativo de respostas que indicam a Baixa/Centro como zona para onde gostariam de mudar.





FIG. 14: MUDANÇA DE LOCAL DE RESIDÊNCIA PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA PESSOAL



QUADRO 5: LOCAL ESCOLHIDO PARA MUDANÇA DE RESIDÊNCIA (EM % DOS QUE MUDAVAM NO INTERIOR DA CIDADE)

LOCAL DA CIDADE	%
Zona da Foz/Nevogilde	23,2
Não específica	21,7
Baixa/Centro	15,5
Zona das Antas/Fernão Magalhães	10,7
Zona da Boavista	9,5
Outras áreas da Zona Oriental	8,7
Centro Histórico	5,7
Não sabe	1,7
Zona do Campo Alegre	1,5
Outras áreas da Zona Ocidental	1,0
Zona da Constituição/Damião de Góis	0,7





Dos que responderam que mudariam para fora da cidade, praticamente metade fá-lo-ia para outro concelho da Área Metropolitana do Porto; o Estrangeiro recolhe 10% das respostas, sendo o número de inquiridos que indicam locais em Portugal fora da Região Norte praticamente residuais (Quadro 6).

QUADRO 6: LOCAL ESCOLHIDO PARA MUDANÇA DE RESIDÊNCIA  
(EM % DOS QUE MUDAVAM PARA FORA DA CIDADE)

LOCAL FORA DA CIDADE	%
Concelhos da AMP	42,2
Campo	17,2
Outros concelhos da Região Norte	16,5
Estrangeiro	10,0
Lisboa e Vale do Tejo	3,2
Algarve	2,8
Região Centro	2,3
Diversos	2,3
Alentejo	2,1
Não sabe	1,2
Açores	0,2

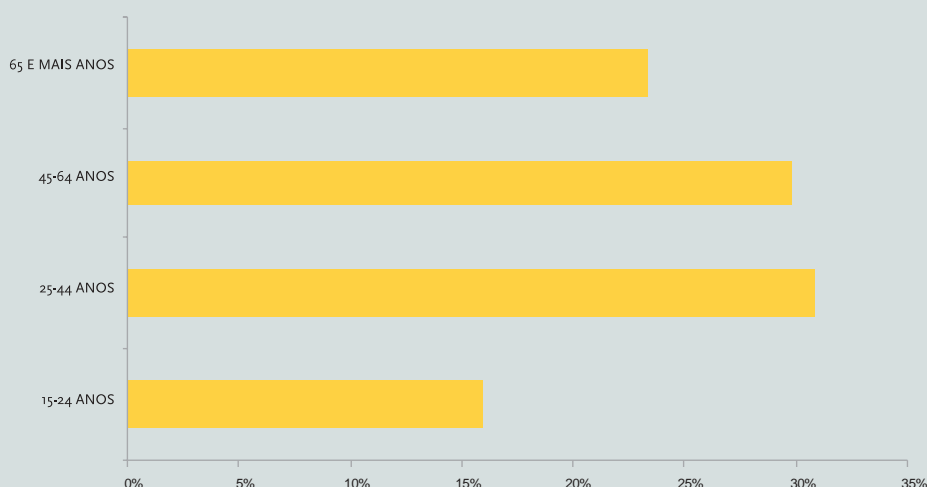
### Caracterização sócio-demográfica dos inquiridos

Por último, apresentamos uma breve caracterização sócio-demográfica da amostra considerada.

Do total de 2400 indivíduos inquiridos, com mais de 15 anos de idade, cerca de 45% foram homens e 55% mulheres.

Em termos de distribuição dos inquiridos por grupos etários, os dois escalões com maior expressão foram os dois intermédios, ou seja, entre os 25 e os 44 anos e entre os 45 e os 64 anos (Fig. 15), tendo-se registado uma idade média dos respondentes ao questionário de 47 anos.

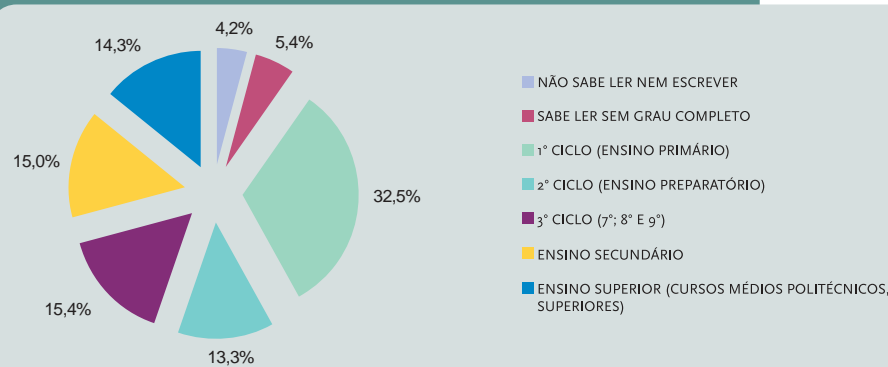
FIG. 15: DOMÍNIOS IDENTIFICADOS COMO SENDO OS MAIS IMPORTANTES  
PARA A QUALIDADE DE VIDA NUMA CIDADE



No que diz respeito ao perfil dos inquiridos em termos de níveis de escolaridade, o conjunto com maior expressão (33%) incluiu indivíduos que apenas possuíam como habilitações o 1º Ciclo do ensino básico. Somando a este grupo todos aqueles residentes que declararam não saber ler nem escrever, bem como, os que sabem ler mas não dispõem de um ciclo de escolaridade completo, verifica-se que a proporção de inquiridos cujo nível de escolaridade não vai além do nível básico, foi de 42%.

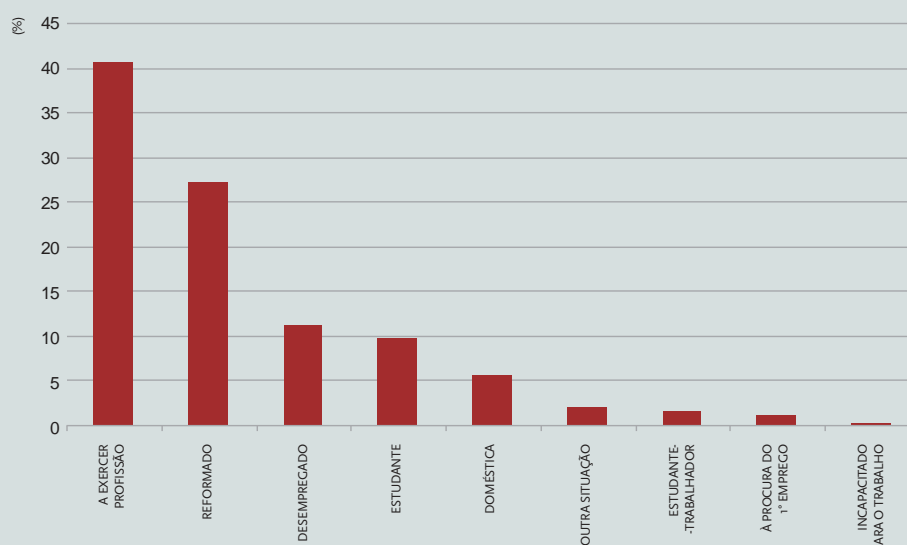
No pólo oposto, isto é, em termos dos níveis de habilitações mais elevados, o peso dos indivíduos com instrução superior atingiu os 14% (Fig. 16).

FIG. 16: DISTRIBUIÇÃO DOS INQUIRIDOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE



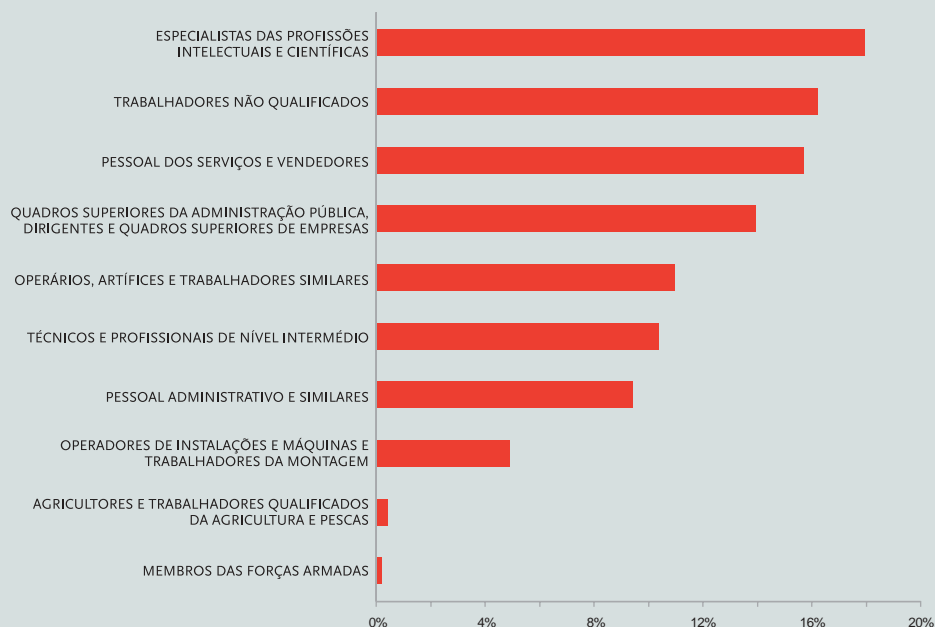
Atendendo à condição perante o trabalho, verificou-se um claro predomínio, entre os respondentes, de activos a exercer uma profissão (41%), logo seguidos dos reformados – mais de um quarto do total dos inquiridos. Quanto às restantes categorias, cabe destacar ainda, entre as mais representadas, a dos desempregados e a dos estudantes, com uma expressão percentual que rondou os 10%. Todas as restantes possibilidades apresentam valores que podem ser considerados residuais (Fig. 17).

FIG. 17: DISTRIBUIÇÃO DOS INQUIRIDOS POR CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO



Ainda no que se refere à caracterização dos inquiridos no âmbito das questões do trabalho e, neste caso concretamente no que toca à natureza das profissões exercidas, dentro do conjunto daqueles que declararam ter uma actividade, o grupo profissional mais representado na amostra utilizada foi o dos Especialistas das profissões intelectuais e científicas (18%), imediatamente seguido pelo grupo dos Trabalhadores não qualificados. Do ponto de vista da ocupação profissional, a amostra revelou-se, no entanto, bastante diversificada, tal como o demonstra a Fig. 18.

FIG. 18: INQUIRIDOS A EXERCER PROFISSÃO (CNP)



Por último, uma referência para a origem geográfica da população inquirida. Dos 2 400 residentes que responderam ao inquérito, cerca de dois terços, eram naturais da cidade, sendo os restantes oriundos maioritariamente de outros concelhos da Região Norte de Portugal (Fig. 19).

FIG. 19: INQUIRIDOS POR CONCELHO DE NATURALIDADE

